

Os dilemas da agricultura urbana: a experiência da maior e mais antiga horta orgânica do Vale do São Francisco

Reimilde Gomes da Silva Amorim¹
Denes Dantas Vieira²

¹ Graduada em Ciências Sociais pela UNIVASF. reimildegomes@hotmail.com.

² Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGCS/UFRN). Professor Do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e do Colegiado de Ciências Sociais/ UNIVASF. denes.vieira@univasf.edu.br.

RESUMO

Diante dos efeitos nefastos da vulnerabilidade social em comunidades pobres, a produção de alimentos associada a organização social pode ser um mecanismo de combate à fome, através da geração de renda. No município de Juazeiro/ BA, nas margens do rio São Francisco, uma experiência de associativismo é identificada por suas hortas de produção de hortaliças orgânicas e por ser um dos primeiros grupos voltados para a superação da pobreza e combate à fome localizado no semiárido do nordeste do Brasil. Este trabalho teve como objetivo estudar os dilemas da trajetória social da horta comunitária Povo Unido, contribuindo com a reflexão fundamentada na organização social e na produção de alimentos orgânicos.

Palavras-chave: Trajetória social; Organização Social; Produção orgânica e geração de renda.

The dilemmas of urban agriculture: the experience of the greater and old organic vegetable garden of São Francisco Valley

ABSTRACT

Faced with the harmful effects of social vulnerability in poor communities, food production associated with social organization can be a mechanism for combating hunger through income generation. In the municipality of Juazeiro / BA, on the banks of the São Francisco river, an associative experience is identified by its orchards of organic vegetable production and because it is one of the first groups focused on overcoming poverty and combating hunger located in the northeastern semi-arid of Brazil. The objective of this work was to study the dilemmas of the social trajectory of the community garden of the United Kingdom, contributing to the reflection based on the social organization and the production of organic foods.

Keywords: Social trajectory; Social Organization; Organic production and income generation.

INTRODUÇÃO

O presente estudo busca compreender o processo de construção e de organização da associação dos agricultores da horta “Povo Unido” do bairro João Paulo II, no município de Juazeiro/BA. Trata-se de uma horta que está produzindo hortaliças orgânicas desde a sua fundação (1987). Essa experiência vem garantindo mais cidadania, emprego e renda para os agricultores que cultivam, consomem e comercializam hortaliças orgânicas.

No mundo contemporâneo a agricultura familiar não é uma prática exclusivamente de estabelecimentos rurais e esse tipo de atividade vem se expandindo também no meio urbano. Nos últimos anos a agricultura familiar urbana vem se expandindo na região do Vale do São Francisco. Na cidade de Juazeiro/BA já foram identificadas três hortas: a Horta Comunitária do João Paulo II, Horta Comunitária do Castelo Branco e Horta Beira Rio no Country Club, majoritariamente esse tipo de iniciativa social está concentrada na agricultura familiar (FARFÁN, 2008).

A pesquisa foi desenvolvida na horta “Povo Unido” da Associação Rural da Horta Comunitária João Paulo II. O bairro João Paulo II está localizado na periferia do município de Juazeiro/BA, na região do submédio do rio São Francisco, no Nordeste semiárido brasileiro, uma região caracterizada por clima seco e quente, com distribuição das chuvas de forma irregular e mal distribuída.

A pesquisa de campo ocorreu entre junho de 2015 a junho de 2016. Foi utilizada a pesquisa qualitativa e para coleta de dados, a entrevista semiestruturada (com um roteiro de entrevistas). Foi considerada uma amostra de 15% do universo total de agricultores da horta.

PROCESSO DE CRIAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO “POVO UNIDO”

Conforme relato em entrevista com o a presidenta Associação Comunitária “Povo Unido”, a irmã Redenta, integrante da Congregação das Oblatas da São Luiz Gonzaga, conhecidas como “irmãs Luizinhas”, convidou um grupo de vinte mulheres mães de famílias carentes que “*não tinham maridos*” para cultivarem hortaliças orgânicas. Com a iniciativa da religiosa, o apoio da irmã Michelangela e das demais irmãs *Luizinhas* e o apoio do bispo diocesano Dom José Rodrigues, foi implantada a horta comunitária “Povo Unido” do bairro João Paulo II, em um terreno da igreja católica garantindo a essas mães emprego e renda.

Dentro do processo de criação da associação da horta “Povo Unido” do bairro João Paulo II, a norma fundamental é que a produção seja exclusivamente orgânica. No período da implantação da horta os associados receberam treinamentos quanto ao manejo correto do cultivo orgânico, fizeram cursos de capacitação por meio das parcerias com a Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), nesses cursos eles também foram sensibilizados quanto a importância dos alimentos orgânicos para a saúde e o meio-ambiente.

Segundo a percepção dos próprios agricultores o apoio recebido dessas instituições foram muito importantes e ajudou no processo de organização. Mas infelizmente, aconteceu apenas nos primeiros anos da associação e ocorreu de forma sazonal, ficando

alguém das necessidades dos associados. Além dos desafios do trabalho coletivo no convívio social, faltam políticas públicas e assessoria técnica por parte do poder público.

Essas mesmas religiosas implantaram no próprio bairro João Paulo II, o Centro de Terapias Naturais Gianni Bande (CETEGIB). O centro de terapias é uma associação sem fins lucrativos, o referido centro de terapias faz uso da medicina natural para curar e prevenir doenças, com o método bioenergético e das terapias holísticas.

Retornando à horta comunitária, nos primeiros anos de sua criação, além das irmãs *Luizinhas*, a associação também contou com apoios de outras instituições voltadas para as atividades agrícolas, tais como: a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA) e o Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada (IRPAA) e a Universidade do Estado da Bahia.

Com essas parcerias, os associados compraram regadores, sementes e tudo que precisavam para dar início aos trabalhos na horta e assim começaram a produzir as hortaliças. Aproximadamente 20 tipos de vegetais são cultivados na horta, principalmente (as folhas): alface, coentro, cebolinha, couve, rúcula, espinafre, hortelã, alecrim, entre outros e também as ervas utilizadas na medicina natural.

A horta conta com uma área total de aproximadamente seis hectares, a área foi cedida aos associados pela Diocese do município de Juazeiro/BA em regime de comodato (o contrato de comodato é renovado periodicamente) e a gestão da associação é renovada a cada dois anos.

Cronograma dos eventos na horta	Data
Fundação e início das atividades na horta	18 de agosto de 1987
Registro em cartório e publicação no diário oficial	09 de setembro de 1987
Registro do CNPJ na SRF	16 de novembro de 1987

Tabela 1. Regulamentação da Horta “Povo Unido”.
Fonte: Dados organizados pelos autores.

Na tabela – Regulamentação da horta “Povo Unido”, estão registrados os principais eventos de fundação e consolidação da horta, no mesmo ano de 1987 a horta iniciou suas atividades, foi registrada em cartório e publicada em diário oficial e registrado o Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica junto à Secretaria da Receita Federal com o nome de Associação Rural da Horta Comunitária João Paulo II.

Apesar da horta estar na área urbana, o Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica da associação da horta “Povo Unido” foi registrado junto à Secretaria da Receita Federal com a denominação de rural, provavelmente para facilitar o acesso aos benefícios sociais e aos incentivos das políticas públicas de desenvolvimento da agricultura familiar.

Com o registro de rural os associados são beneficiados nos programas de políticas públicas para a agricultura familiar e benefícios junto à previdência social. Especialmente com a redução da idade mínima para a aposentadoria do trabalhador rural (a previdência social oferece um tratamento diferenciado para a aposentadoria do trabalhador rural).

Diferente das demais classes trabalhistas, o agricultor rural é a única classe trabalhista que recebe todos os benefícios, mesmo sem nunca ter contribuído para o INSS, basta que o trabalhador comprove que trabalhou na área rural. Além de não precisar

recolher a contribuição para o INSS, o trabalhador rural ainda conta com uma redução de cinco anos na idade mínima para aposentadoria.

A aposentadoria rural é permitida para o agricultor familiar, o meeiro ou o campesino que arrenda até quatro módulos rurais (tamanho do módulo rural varia conforme o município). De acordo com a tabela do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) o tamanho de cada módulo fiscal no município de Juazeiro/BA corresponde a 65 hectares.

Dentro dessa produção de alimentos orgânicos, os agricultores também fundaram uma associação e a estruturaram da seguinte forma: um presidente e um vice-presidente, dois tesoureiros, três fiscais e os suplentes dos tesoureiros e dos fiscais. Fazem reuniões mensais, por volta do dia 15 de cada mês.

Na reunião do dia 15 de maio de 1992 ficou determinado em assembleia geral, as normas para o bom funcionamento da horta, que estão visíveis no quadro-negro na parede da sede da associação:

Normas: 1) Participar de todas as reuniões convocadas; 2) Quem faltar a 3 reuniões seguidas perde o direito de plantar na horta; 3) Pagar a conta da água em dia; 4) Quem atrasar o pagamento mais de um mês perde o direito de plantar na horta; 5) todos devem respeitar o canteiro do vizinho; 6) Aquela pessoa que for vista pegando do outro, será expulso da horta; 7) Crianças só podem ficar na horta com seus responsáveis; 8) É proibido queimar o mato da horta; 9) É proibido usar qualquer produto químico; 10) Obedecer os horários de entrada e saídas da horta.

Referente ao item 3 das normas acima, nos primeiros anos de existência da horta a água utilizada para molhar os canteiros era a água tratada do Serviço Autônomo de Água e Esgoto (SAAE), hoje a Mineração Caraíba cede 1.200 m³/mês de água bruta (água não tratada) do Rio São Francisco e a associação também conta com o poço artesiano com uma vazão média de 2 m³/hora.

Com o aumento do número de associados e conseqüentemente o aumento do consumo de água, a partir do ano de 2011, a água cedida pela Mineradora Carnaíba já não era mais suficiente para molhar todos os canteiros e a partir dessa data os associados começaram a pagar o excedente dos 1.200 m³/mês de água fornecido pela Mineradora Carnaíba. Hoje não é mais utilizada água tratada do SAAE para molhar os canteiros, apenas água bruta do rio São Francisco e do poço artesiano perfurado no local.

No item 10 das normas do bom funcionamento da horta, ficou determinado que a horta tem os seguintes horários de entrada e saída: 06:00 às 11:00 horas e das 14:00 às 18:00 horas. Além do horário de entrada e saída da horta, há também o horário para o associado começar a molhar os canteiros (a partir das 8:00 horas).

Para a presidenta da associação, depois de 2006 a associação rural melhorou muito e hoje muitas famílias estão vivendo exclusivamente da produção da horta. Essas famílias normalmente faturam em torno de dois salários-mínimos. A partir do ano de

2011 a associação também passou a contar com o apoio jurídico do Centro Público de Economia Solidária (CESOL).

PERFIL DOS ASSOCIADOS DA HORTA “POVO UNIDO”

Os agentes que estão na horta desde o início são os que mais persistiram no projeto de geração de renda e organização social dessa experiência, na associação também existe uma rotatividade em que muitos entram e saem da horta. Quanto à questão geracional, percebe-se que os mais velhos estão nas posições de poder, de mando. Isso tem como explicação, a persistência e a permanência. Devido à persistência e continuidade eles conseguiram fugir desse círculo rotativo que persiste na associação ao longo de sua trajetória.

A associação é majoritariamente composta por mulheres. As mulheres atingiram uma taxa percentual de 76% do total dos associados, contra 24% dos homens, e também é identificado a presença de famílias inteiras trabalhando na horta.

Em sua origem, as religiosas criaram a horta especialmente para as mulheres. A horta foi pensada para ajudar as mulheres mães de famílias carentes do bairro e nesse sentindo percebe-se também que as mulheres são mais engajadas. Há também muitos jovens (principalmente mulheres) 10% da associação é formada por mulheres que estão na faixa etária dos 20 aos 30 anos, contra 3% de homens dessa mesma faixa etária.

Há também um número bem maior de pessoas na faixa etária dos 51 a 60 anos (27% mulheres e 5% homens). Mais da metade (51%) dos associados estão na faixa etária dos 51 aos 73 anos, portanto a associação é composta por uma maioria de pessoas idosos, em que 70% dos associados têm mais de 40 anos de idade (mulheres são 53% e 17% são homens).

Outro fato é a idade que os agricultores tinham quando começaram a produzir na horta. Verificou-se que a maioria dos agricultores que estão produzindo hoje, chegou na associação com uma faixa etária de 31 a 50 anos, atingindo uma taxa porcentual de 61% (49% de mulheres e 12% homens).

Talvez o fato da maioria das pessoas se associarem após os 30 anos de idade seja uma resultante das dificuldades de se manter no trabalho formal com carteira assinada, provavelmente por conta da baixa escolaridade ou mesmo da escassez de emprego. Somente com uma pesquisa mais aprofundada sobre esse tema poderia confirmar essas hipóteses.

Nas análises das fichas cadastrais constatou-se que a idade mais avançada que um agente se associou foi aos 67 anos de idade. Trata-se de uma senhora que está produzindo na horta há seis anos, hoje com 73 anos de idade (a mais idosa da associação). Essas pessoas com mais idade são mais presentes na horta e nas reuniões da associação, talvez porque elas já tenham uma renda fixa como a aposentadoria ou outra renda qualquer e a horta seja apenas um complemento para obtenção de mais renda ou para o autoconsumo, pois aquilo que você deixa de comprar porque tira da horta, também faz parte da renda e acaba complementando-a.

Com a intenção de contribuir com o trabalho, algumas pessoas responderam a um roteiro de entrevista a respeito da sua relação com a horta e como eles visualizam as necessidades e perspectivas da associação. Os nomes são fictícios para preservar a verdadeira identidade do entrevistado. Entre os diversos relatos que foram ouvidos durante as entrevistas, vale a pena destacar os dois relatos abaixo:

Entrevistas na horta comunitária do João Paulo II

Ana Paula, agricultora, casada, 54 anos de idade, 6 filhos, natural de Porteiras/CE. De acordo com Ana Paula que iniciou suas atividades na horta quando tinha 40 anos de idade e vem cultivando há 14 anos em 3 lotes, procurou a horta porque ficava sempre desempregada durante as entressafas. Ela afirma que além das péssimas condições de trabalho no corte da cana-de-açúcar ela recebia uma renda muito baixa e trabalhava por produção num trabalho exaustivo. Chegava em casa extremamente cansada mas hoje na horta ela se sente realizada porque consome também o que produz. Não revelou o quanto faturava, mas afirmou que consegue pagar suas dívidas e vive bem melhor. A maior parte dos filhos dela também trabalha na horta.

Natural do estado Ceará, saiu da roça que morava em Porteiras/CE para Juazeiro/BA em busca de melhores condições de vida e para trabalhar como empregada na agricultura irrigada.

João Pedro, agricultor, casado, três filhos, 52 anos de idade, natural de Buíqui/PE. Há dois anos cultiva em dois lotes, falou que:

Eu vim pra trabalhar aqui na horta porque estava cansado de trabalhar nas roças, nas colheitas de frutas e no corte da cana. Aqui o serviço é mais maneiro e eu nunca mais fiquei desempregado. A senhora sabe, não é dona, quando a colheita acaba todo mundo vai pra rua e eu vivia sempre desempregado e devendo. Agora não, eu consigo pagar minhas contas mais folgado e tem mês que eu faturado mais de um salário-mínimo, sem contar que estou comendo e plantando orgânico, que é bom pra quem planta e para quem consome.

Outra particularidade encontrada entre os associados está relacionada às questões migratórias e educacionais. A horta é formada por uma grande quantidade de imigrantes conforme tabela abaixo:

Distribuição dos associados por Estado de origem	Quantidade absoluta	Porcentagem
Juazeiro (BA)	23	21%
Outras cidades da Bahia	18	16%
Pernambuco	30	28%
Ceara	20	18%
Piauí + Paraíba + Alagoas	18	16%
Outros Estados NÃO Nordeste	1	1%
Total pesquisado	110	100%

Tabela 2. Distribuição dos Associados por Estado de Origem. Fonte: Ficha Cadastral do Associado. Dados organizados pelos autores.

Os dados que compõem a tabela acima foram retirados de uma amostra de 110 fichas do arquivo de cadastro dos associados (pesquisa documental), entre os associados há uma taxa bastante elevada de imigrantes, apenas 21% são do próprio município, contra a taxa de 79% de imigrantes. A maior taxa de migração está concentrada nos três estados: Pernambuco (28%), Ceará (18%) e outras cidades da Bahia (16%), sucessivamente. Quanto aos aspectos educacionais o nível escolar dos associados é muito baixo e não foi encontrado nenhum sócio com o ensino superior.

Novamente as mulheres se destacaram em relação aos homens, estudaram mais que os homens, mas de maneira geral o nível escolar é muito baixo. Apenas 20% das mulheres entrevistadas concluíram ensino médio, contra apenas 4% dos homens, apenas 24% dos associados cursaram o ensino médio (grau máximo de escolaridade entre eles) e 42% (a maioria) cursaram apenas o fundamental I (até a 4ª série primária) e, 6% não são alfabetizados e, 28% tem o ensino fundamental II (primeiro grau).

Percebe-se que as pessoas têm um baixo nível de escolaridade (capital cultural), isso revela a dificuldade para ter acesso à informação, não há ninguém que tenha o curso superior. Temos interesses em aprofundar em uma outra possível pesquisa, onde poderia ser feita sobre os filhos desses agricultores, para verificar se algum tem nível superior e sondar como eles pensam o futuro como produtores orgânicos e se eles querem continuar com o trabalho dos pais, cultivando orgânicos.

A análise desses dados leva à conclusão de que a maioria dos associados da horta estudou pouco (e o ensino médio é o grau máximo de estudo), ninguém tem o ensino superior, a maioria deles sempre trabalhou na agricultura e a grande maioria é de imigrantes (79%). Seguindo a tendência do bairro como um todo, o bairro apresenta uma taxa elevada de imigrantes (46%), que provavelmente seja ainda resquícios da sua origem.

CONFLITOS E INTERESSES DENTRO DA ASSOCIAÇÃO

Em relação à distribuição dos lotes para os associados na horta, a própria diretoria da associação é quem realiza essa tarefa e cada lote tem uma dimensão de 10 m². O associado recebe de um a cinco lotes, ou seja, a quantidade mínima recebida é 1(um) e a máxima são 5 (cinco) lotes por pessoa física, conforme a quantidade de lotes disponíveis. Segundo a presidenta da associação existe uma lista de espera para fazer a realocação ou distribuição dos lotes para as pessoas interessadas.

Porém uma das agricultoras com 53 anos de idade e há um ano na horta, revelou que conseguiu os dois lotes que estava esperando através da instrução de uma amiga:

Uma amiga minha se aposentou e não tinha mais interesse em continuar na horta. Então essa minha amiga foi até a minha casa e falou que estava deixando os lotes, que eu deveria falar a com presidenta da associação para eu ficar com os lotes dela, eu falei com ela e fiquei com os lotes.

Outros associados informaram que para conseguir um lote, basta falar com a presidenta da associação e se tiver algum disponível ela cede imediatamente. Caso contrário a pessoa fica aguardando.

Há também uma outra prática comum de distribuição de lotes que é a passagem automática de lote de pai para filho. Nesses casos, os lotes continuarão nessa mesma família enquanto existir alguém da família que tenha interesse em continuar produzindo na horta.

Portanto essa suposta lista de espera para a distribuição dos lotes não é respeitada na sua totalidade e o que de fato ocorre são os contatos e as amizades, ou seja, o capital social vivenciado na prática, que acaba determinando a distribuição dos lotes, dos melhores lotes e dos mais bem localizados.

Diante dos conflitos e da individualidade, os associados que estão lá há mais tempo, lembram saudosos dos primeiros anos da horta, em que inicialmente todos os serviços (elétricos, hidráulicos, etc.) eram feitos em mutirões e não havia custos para associação. Hoje “ninguém quer fazer mais nada e agora tem que haver pagamento para fazer qualquer serviço”, revelou um dos entrevistados.

Hoje, na associação, apenas a presidenta participou da fundação da horta e os demais já desistiram da horta orgânica, se desinteressaram, ela está à frente da diretoria há 30 anos (1987). Segundo a mesma já foi presidenta por várias vezes, cinco, seis vezes, nem ela sabe a quantidade certa. No seu discurso, utiliza sempre o argumento de que: “ninguém quer assumir a associação”. Na associação existe um grupo bastante heterogêneo e muitos não querem se envolver com a gestão, apenas cuidam do seu canteiro.

A presidenta da associação é uma senhora de 68 anos, três filhos, chegou no município de Juazeiro/BA há 40 anos (1977) e no bairro, ela chegou dois anos após a chegada dos primeiros moradores (em 1984), três anos antes da fundação da horta (1987). Viúva e aposentada, acumulou capital social e se beneficia desse capital dentro da hierarquia da horta, mas ela também se movimenta em outras esferas que podem ser caracterizadas como o campo relacional da agricultura orgânica de Juazeiro/BA. Ela está dentro de um campo das lideranças de referências rurais da agricultura familiar: é delegada do sindicato, tem contato com as ONG's, com as universidades, com os políticos e é integrante do Conselho Comunitário de Segurança Pública (CONSEP).

Nesse sentido percebe-se que a presidenta da associação criou uma rede de relacionamentos e nessa rede de relações que funciona em torno dela identificamos um senhor aposentado de 71 anos de idade, que cultivava em cinco lotes e está na horta há 19 anos (1998), e um outro senhor de 47 anos (o único que possui selo orgânico), casado, três filhos, está na associação há 9 anos (2008) e foi presidente na gestão anterior, junto com a sua esposa, que é associada há 19 anos (1998), o casal cultivava em seis lotes.

As diferenças no interior da associação da horta também causam muitos conflitos. Em uma das reuniões mensais uma associada se exaltou e fez vários questionamentos quanto à venda da produção da horta. Isso porque apesar dela produzir de forma orgânica não tem como provar isso, pois a mercadoria dela não tem nenhuma identificação. Ela vende sua produção no mercado do produtor como se fosse uma mercadoria qualquer, sem nenhuma identificação de orgânico e por um preço de uma produção não orgânica e, assim, não consegue obter mais lucros.

Ainda sobre as diferenças entre os integrantes da horta, há os que foram beneficiados com a irrigação por gotejamento, implantado pela CODEVASE, com os Recursos

da Secretaria de Desenvolvimento Regional do Ministério da Integração Nacional, em comemoração ao dia mundial da água (22 de março) de 2016. Atualmente, menos de 20% dos canteiros conta com esse sistema de irrigação por gotejamento, os demais lotes ainda são irrigados com os antigos regadores.

Um dos agricultores que não foi contemplado com o sistema de irrigação informou que: “a quantidade de kits de irrigação era pouco, aí eles acabaram irrigaram primeiro os canteiros do pessoal da diretoria, o que sobrou foi distribuído entre os amiguinhos deles. Mas talvez tenha sido melhor eu não ter recebido mesmo, porque o material de reposição é caro e eu prefiro irrigar com o regador”.

Esses regadores também vêm causando conflitos, pois existe um tipo de regador mais indicado e recomendado pela associação, por reduzir o consumo de água (cada agricultor assume os custos da compra dos regadores); mas nem todos os associados seguem a recomendação; a associação precisa fiscalizar o tempo todo, tanto na utilização da água, como também na utilização do adubo orgânico e observar se o tempo de curtimento do estrume está sendo respeitado (20 dias).

A Igreja Católica não interfere na diretoria e nem na organização da associação, os associados têm total autonomia no comando da associação, desde que estejam produzindo de forma orgânica, já que o terreno foi cedido com a condição do plantio se dar de forma exclusivamente orgânica e caso essa regra seja descumprida, o terreno é confiscado pela Igreja, pois o terreno continua pertencendo a Diocese de Juazeiro.

Foi também verificado que as questões relacionadas à religiosidade dos associados, no início das atividades na horta, havia certa resistência dos evangélicos que não participavam das reuniões porque elas aconteciam dentro da igreja católica do bairro. Porém o problema foi solucionado com a construção da sede da associação no interior da horta e as questões religiosas hoje não fazem mais parte da pauta de discussões. Cada um tem sua crença. Católicos, evangélicos e outras crenças convivem harmoniosamente.

O atravessador também é um problema muito sério dentro da associação. Certamente o discurso a respeito do atravessador toma outro sentido quando a própria presidenta da associação rural assume que às vezes ela mesma faz o papel de atravessador. E de fato o faz se compra a produção de um associado para revender, está aí caracterizado o papel do atravessador.

Isso ocorre porque o grupo que monopoliza o uso do selo orgânico fecha contratos e muitas vezes para entregar ao cliente a quantidade e a variedade de hortaliças solicitadas, precisa complementar com a produção dos outros agricultores. Existem também alguns pontos de venda direta ao consumidor, na própria horta, na barraca da feira livre do Alto da Maravilha e na feira do Joca de Oliveira, ambas pertencem à mesma família. Essa família produz e vende seus produtos. No Espaço Solidário do CESOL são comercializados também os produtos da horta, com o selo de identificação orgânica. Isto significa que as vendas que estão acontecendo nesse espaço não são de todos os agricultores da associação do “Povo Unido”, e sim de um pequeno grupo, da rede do selo orgânico já mencionado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Existem alguns agricultores na horta “Povo Unido” que buscam na atividade agrícola e orgânica não apenas mais cidadania e sustentabilidade, eles se sentem livres, sem a figura do patrão e agem como verdadeiros empreendedores.

Sentem-se importantes, pois consideram a agricultura orgânica como algo bom, pois na percepção desses agricultores, eles estão produzindo de forma saudável e sem agredir o meio ambiente, além de estarem consumindo alimentos mais saudáveis.

Com o cultivo de hortas comunitárias orgânicas todos ganham, tanto os produtores como a população. As hortaliças, por serem naturais, têm mais qualidade e não agredem o meio ambiente. Essa forma de organização social além de colaborar no processo de produção e renda, tem se estabelecido como exemplo de comunidade que vem se desenvolvendo para atender a um público cada vez mais exigente e preocupado com a saúde e com as questões socioambientais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORIM, R.G. **A Trajetória social da associação “Povo Unido”**: A experiência da horta comunitária do bairro João Paulo II, Juazeiro (BA). Trabalho de conclusão de curso apresentado no Curso de Ciências Sociais. Juazeiro/BA, 2016.

ARAÚJO, N. F. M.; RODRIGUES, L. A. F.; BRITTO, S. F. **Dificuldades na expansão da expansão da produção e comercialização de Produtos Orgânicos em uma pequena associação de produtores rurais em Juazeiro-BA**. 2013. Disponível em < <http://ciorganicos.com.br/wp-content/uploads/2013/09/dificuldades-producao-BA.pdf> >. Acesso em: 24 jun. 2016.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Cadastro Nacional de Produtores Orgânicos**. 2016. Disponível em: <<http://www.agricultura.gov.br/desenvolvimento-sustentavel/organicos>>. Acesso em: 21 mar. 2016.

_____. _____. **Cooperativismo / Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento**. Secretaria de Desenvolvimento Agropecuário e Cooperativismo. Brasília: Mapa/SDC/DENACOOOP, 2008. 48 p.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Agrário. **Agricultura familiar produz 70% dos alimentos consumidos por brasileiro**. 2015. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2015/07/agricultura-familiar-produz70-dos-alimentos-consumidos-por-brasileiro>>. Acesso em: 21 mar. 2016.

FARFÁN, S. J. A. et al. **Horticultura Urbana nos municípios de Juazeiro – BA e Petrolina – PE no Semi-Árido nordestino: limites e potencialidades para a produção agroecológica**. Hortic. bras., v.26, n.2, jul.-ago. 2008. Disponível em: <http://www.abhorticultura.com.br/eventosx/trabalhos/ev_2/A1634_T2607_Comp.pdf>. Acesso em: 19 jul. 2016.

INCRA. Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. **Sistema Nacional de Cadastro Rural**. Disponível em: <http://www.incra.gov.br/sites/default/files/uploads/estrutura-fundiaria/regularizacao-fundiaria/indices-cadastrais/indices_basicos_2013_por_municipio.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2016.

COMO CITAR ESTE ARTIGO:

AMORIM, Reimilde Gomes da Silva; VIEIRA, Denes Dantas. Os dilemas da agricultura urbana: a experiência da maior e mais antiga horta orgânica do Vale do São Francisco. **Extramuros**, Petrolina-PE, v. 5, n. 2, p. 225-235, 2017. Disponível em: <informar endereço da página eletrônica consultada>. Acesso em: informar a data do acesso.

Recebido em: 11 Ago. 2017

Aceito em: 24 Set. 2017